

**A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE SOBRE
A ESCRITA E SUAS MARCAS**

Marcos de Jesus Santa Barbara (FFP-UERJ)

marcosjjjbarbara@gmail.com

José Mario Botelho (FFP-UERJ)

botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

As linguagens oral e escrita são objeto de estudo permanente para aqueles que se preocupam em estudar a natureza de cada uma delas e compreender as relações que elas mantêm entre si. Desse relacionamento, resulta uma semelhança entre as duas práticas sociais, em virtude da influência que uma exerce sobre a outra. Logo, é muito comum encontrarmos marcas da oralidade nas produções escritas de aprendizes iniciantes da prática da escrita. Essa comunicação visa, pois, discutir sobre as influências da oralidade sobre a escrita de redações argumentativas de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, mostrando algumas marcas da oralidade em textos argumentativos.

Palavras-chave:

Redação escolar. Marcas da oralidade. Oralidade e escrita.

RÉSUMÉ

Les langues orales et écrites font l'objet d'une étude permanente pour ceux qui souhaitent étudier la nature de chacun et comprendre les relations qu'ils entretiennent entre eux. Cette relation se traduit par une similitude entre les deux pratiques sociales, en raison de l'influence que l'une a sur l'autre. Par conséquent, il est très courant de trouver des marques d'oralité dans les productions écrites des apprentis qui commencent à pratiquer l'écriture. Cet article vise donc à discuter de l'influence de l'oralité sur la rédaction d'essais argumentatifs par les élèves de 9^e année, montrant quelques marques d'oralité dans les textes argumentatifs.

Mots-clés:

Écriture scolaire. Marques orales. Oralité et écriture.

1. Introdução

Desde os primeiros estudos sobre a origem das línguas, é senso comum que a língua se manifesta primeiramente na fala e, na maioria das vezes em que o homem se relaciona socialmente, ele se comunica usando a fala.

Em algumas sociedades, porém, a linguagem falada convive com a modalidade escrita. Quando isso ocorre, o homem não anula a sua fala,

pelo contrário, continua usando a modalidade falada para interagir de modo informal, coloquial, momentâneo, corriqueiro etc., mas recorre à modalidade escrita para firmar regras, leis, formalizar a sua conduta social, enfim, escolarizar-se.

Diante do foi dito, em momentos distintos, a escrita passa a ser tão importante, quanto à fala para o homem, portanto, oralidade e escrita são fundamentais, sendo duas maneiras de as pessoas organizarem seus discursos, praticarem suas interações no dia a dia, sem que uma seja mais importante que a outra, enfim, são práticas discursivas que não concorrem entre si. Pelo contrário, complementam-se, interrelacionam-se.

Oralidade e escrita são duas linguagens usadas de formas muito variadas pelo homem nos mais diferentes contextos da sua vida, porém é no contexto escolar que essas linguagens se destacam a ponto de merecerem um estudo mais criterioso que nos possibilite, por exemplo, observar semelhanças e diferenças entre elas ou ainda influências de uma sobre a outra.

De fato, existem duas modalidades de linguagem: a oral e a escrita. Notamos também que cada uma delas possui suas particularidades. Podemos, enfim, perceber também que existem relações profundas de semelhanças entre elas.

2. Considerações prévias

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, no que se refere à oralidade:

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. (PCNs) (1998, p. 25)

A linguagem oral é a mais usada pelo homem desde que se tem conhecimento de que ele se comunica com outros homens. Do ponto de vista das situações em que ela ocorre e da função social que ela exerce, pode-se dizer que ela é dinâmica, isto é, adapta-se à necessidade comunicativa.

A fala possui muitas características que fazem dela uma forma de linguagem muito peculiar quando comparada a outras linguagens como a

corporal, a musical ou mesmo a escrita. O falante seleciona rapidamente as palavras que vai usar assim como as estruturas de pensamento que vai propor. Além dessa rapidez, a palavra usada pelo falante também o especifica ou individualiza em relação aos outros falantes.

Conforme afirma Ong (1998):

Algumas comunicações não orais são extremamente ricas – a gestual, por exemplo. Contudo, num sentido profundo, a linguagem, o som articulado, tem importância capital. Não apenas a comunicação, mas o próprio pensamento estão relacionados de forma absolutamente especial ao som. (ONG, 1998, p. 15)

Além de ser usada de forma rápida, a fala também parece ser flexível. Essa característica a faz transitar entre o formalismo ou o coloquialismo, dependendo do contexto social em que o falante esteja inserido ou da forma como ele queira se comportar.

Se fizermos uma simples comparação da fala com a escrita, podemos inferir da associação das características acima relacionadas à oralidade que a ela tem sua origem muito antes da escrita. O surgimento da linguagem oral se confunde com o surgimento do próprio homem, a ponto não fazer muito sentido dissociá-los.

A fala também está relacionada aos critérios de envolvimento ou distanciamento, valendo-se muito do primeiro. O envolvimento pode ser: com os outros (audiência), consigo mesmo (pessoal) ou com a realidade (situacional).

A fala, enfim, apresenta uma natureza pautada em características muito peculiares que, a primeira vista não nos parecem bem definidas, mas que, quando começamos a pesquisar, ficam bem claras e passíveis de observação.

Koch (2018) apresenta para nós uma lista de características da linguagem falada e da linguagem escrita. Convém-nos citar agora as características da primeira: contextualizada, implícita, redundante, não planejada, com predominância do “modus pragmático”, fragmentada, incompleta, pouco elaborada, com pouca densidade informacional, com predominância de frases curtas, simples ou coordenadas, com pequena frequência de passivas, com poucas nominalizações e com menor densidade lexical.

Com base em Koch, compreendemos que nem todas as características citadas acima são exclusivamente próprias da fala e que

elas foram identificadas com base em um parâmetro de língua escrita ideal pautado na gramática normativa.

Selecionando as características citadas, Koch afirma que a fala tem por natureza ser:

(1) “não planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional, (2) apresenta-se *em se fazendo*, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a pôr a nu o próprio processo de sua construção. (3) o fluxo discursivo apresenta descontinuidades frequentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional... (4) o texto falado apresenta uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua. (KOCH, 2018, p. 16-7)

Ao contrário da fala, a escrita tem sido vista pelos seus estudiosos, tradicionalmente, como uma modalidade mais independente, isto é, mais livre, mais autônoma, ou, como escreve Ong (1998), “um discurso que não pode ser diretamente questionado ou contestado, como o oral, porque foi separado de seu autor”.

Olhando-a pelo ponto de vista histórico, a escrita é indubitavelmente formada por símbolos que fazem correspondência com unidades sonoras da língua falada. Essa relação é bastante complexa ao longo dos tempos. A própria escrita se modificou muito ao longo dos anos e passou por várias fases como: a escrita pictográfica, os ideogramas, a escrita cuneiforme e outras até chegar à alfabética.

No caso da língua portuguesa, essa relação entre o menor som da língua, o fonema, e a letra, a representação escrita do fonema, nem sempre é perfeita, criando, para seus usuários, várias dificuldades de uso e de compreensão estrutural da língua.

Na escrita do Chinês, para fazermos uma breve comparação, há unidades de significado, pictogramas e ideogramas em que a correspondência se dá entre o sinal (ou símbolo). Por conseguinte, a escrita pode ser definida como a arte da produção ou codificação de símbolos na forma própria, com espaços próprios, na sequência e com direção próprias.

A aquisição da linguagem escrita, para o homem, é fato que vem depois do domínio da fala. Ela geralmente é aprendida na escola por meio de comparações com a fala e com recursos como o livro para o registro das letras.

O homem é treinado culturalmente a ouvir e a representar esses sons por um sistema escrito abstrato que passa a formar, conforme afirmou Saussure, um signo linguístico dotado de significante e significado.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O seu domínio requer da criança um alto grau de abstração. Talvez seja precisamente por isso que elas não conseguem identificar a escrita com suas próprias experiências, mas precisam dos significados já construídos cultural e socialmente.

A abstração como característica da comunicação escrita é intensificada, cada vez mais, quando levamos em consideração a falta de um contexto comunicativo natural. Em outras palavras, não precisamos do interlocutor em tempo real para nos comunicarmos pela escrita. Basta deixarmos o texto em lugar acessível e seguro.

A habilidade de se usar a escrita como um meio adicional à fala é aprendido por meio de um esforço consciente em resposta a um ensinamento. Ficou historicamente evidente para o homem que a escrita deve ser uma atividade que vem em segundo lugar em relação à fala e que não surge naturalmente como consequência de uma interação e com objetivos sociais bem distintos.

Do ponto de vista cognitivo, a escrita é uma habilidade aprendida socialmente e não adquirida inatamente. É por meio de relações cognitivas que a criança vai juntando as letras e formando significados. Ela vai aprendendo as palavras por suas características morfológicas e depois sintáticas, concomitantemente aos valores semânticos que as outras pessoas (pai, mãe, parentes mais próximos, professores etc.), ou os meios de comunicação de massa vão lhe passando, ou ela mesma vai criando por si própria e forma grupos de palavras.

Vimos nos parágrafos acima que oralidade e escrita surgiram em tempos diferentes, sendo a primeira uma linguagem inata do ser humano e a segunda uma “tecnologia”, como afirma Ong (1998, p. 93).

No primeiro momento de estudo da oralidade e da escrita, autores como Bloomfield dizia “a escrita não é a linguagem, mas uma forma de gravar a linguagem por marcas visíveis” (1933, p. 21).

Em momentos posteriores, o conceito de Bloomfield é questionado. Como afirma Fillmore, “a comunicação escrita é derivada da norma conversacional face a face” (1981, p. 153). Os linguistas começam a encher a autonomia entre essas linguagens.

Atualmente, os linguistas estão preocupados em pesquisar quais as influências mútuas que existem entre a oralidade e a escrita. Conforme, em pesquisa recente, afirma Botelho (2012):

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Após a análise dos dados, o produto mostrou-se revelador: características de uma são encontradas na outra ao par de suas características particulares. E dependendo do estágio de contato com a oralidade e a escrita em que se encontra o produtor (falante-escritor), tais influências são ainda mais sentidas. BOTELHO, 2012, p. 59)

Convencidos do olhar apurado de Botelho sobre os fenômenos linguísticos atuais que envolvem oralidade e escrita, podemos constatar a influência que a linguagem oral tem sobre a linguagem escrita.

3. *Aplicação dos princípios básicos: um breve análise*

Para ilustrar a constatação acima, fazemos uma breve análise de um texto de Oswald de Andrade:

Vício da fala
Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.
(Oswald de Andrade)

Há várias formas de se fazer a leitura de um texto. Algumas consideram importante que o leitor tenha um conhecimento prévio sobre o autor da obra, enquanto outras não permitem que se leve em consideração o autor. Algumas partem do princípio de que o texto se esgota em si mesmo, isto é, que a leitura deve ser feita de modo objetivo. Por outro lado, muitas defendem a tese da leitura subjetiva, ou seja, de que a leitura de um texto só faz sentido quando o leitor o transforma, usando a sua subjetividade.

Com a finalidade de observar as influências da oralidade sobre a escrita, apontando algumas marcas da oralidade, faremos a interpretação do texto “Vício da fala”, levando em conta o texto em si, sua forma e sua linguagem.

Diante do que foi dito acima, verificamos que o texto demonstra que a oralidade influencia a escrita por meio da marca de se escrever como se fala, ou seja, uma pronúncia simplificada de palavras ou expressões que tanto crianças, quanto adultos sem letramento pode fazer, levam a uma escrita fora da norma padrão da língua. Por exemplo: “Para dizerem milho dizem mio”

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Sabemos que são muitos os fatores que influenciam o modo como as linguagens se ajustam às circunstâncias do ato da comunicação e da escrita. Por exemplo, não se fala do mesmo modo com um adulto e com uma criança, nem tão pouco se fala do mesmo jeito em uma igreja como se fala em uma conversa entre amigos.

No texto em análise, está evidente uma construção dicotômica envolvendo os critérios formalidade e informalidade, traduzidos na influência da oralidade sobre a escrita e registrados pela marca “segmentação gráfica”.

Verificamos que essa influência da oralidade sobre a escrita é muito ocorrente, pois é comum em textos de alunos em fase de adequação com a oralidade e a escrita, a redução de palavras e/ou expressões, que fogem gradativamente da forma normativa da língua, isto é, da regra do “bem falar” e do “bem escrever”.

Convém agora dizermos que as variações linguísticas pressupõem a existência de formas linguísticas denominadas variantes, isto é, formas diferentes de se registrar um mesmo significado em um mesmo contexto, e, com o mesmo valor de verdade.

As marcas significativas de oralidade na escrita, em sua maioria, são decorrentes das variações sociais e, conseqüentemente, de um preconceito linguístico intrínseco. No texto em análise, essa diferença social é explicitada exatamente por essa marca de oralidade, não cabendo julgamento nesse caso de qualquer tipo de preconceito, mas sim a interpretação do uso da espontaneidade.

De acordo com Cagliari:

É preciso deixar os alunos escreverem textos livres, espontâneos, contarem suas histórias como quiserem. É nesse tipo de material que vamos poder encontrar os elementos que mostram as reais dificuldades e facilidades dos alunos no aprendizado da escrita. (CAGLIARI, 1997, p. 146)

Desse modo, compete à escola dar possibilidade ao jovem, em sua fase de aprendizagem da leitura e da escrita, identificar as variações das modalidades não padrão e da modalidade padrão, para saber usá-los nas situações em que eles forem solicitados, pois desta forma, os alunos podem conhecer melhor a língua que falam e que virão a escrever.

No texto em análise, percebemos a necessidade do registro informal das palavras para indicar a influência da oralidade (milho/mio, me-

lhor/mio, pior/pio, telha/teia e telhado/teiado).

Com isso, é perceptível o grau de complexidade de se desvincular da norma padrão. Tais registros ocorrem no texto para manter a tensão da dicotomia formalidade/informalidade em um tom de elevada proximidade das formas como se fala e se escreve.

Diante desse fenômeno de variação linguística, ao se deparar com tipos de registros semelhantes na sala de aula, é importante que o professor se posicione claramente de forma imparcial para que esse tipo de variações não seja visto de forma preconceituosa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa propõem que a escola deve eleger em seu conteúdo escolar a linguagem oral e a linguagem escrita. O estudo da linguagem oral deve garantir que as atividades em sala de aula envolvam fala, escuta e reflexão:

É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. (PCN's (1998, p. 82)

Como podemos perceber, cabe à escola trabalhar as diversas expressões da língua, oferecendo valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de levar em consideração a questão dos registros regionais, as variantes linguísticas, como, por exemplo, o modo de comunicação das pessoas socioeconomicamente desprovidas.

Notamos que, quando o texto apresenta o verso “E vão fazendo telhados”, ele sugere um grande respeito pelos falantes, valorizando-os pela importância de sua função social que é construir casas. Também se pode inferir uma metáfora: “E vão utilizando a língua, construindo as suas estruturas linguísticas e se fazendo comunicar.”

É possível percebermos que o problema não está na escolha de “teiado”, porém na influência da oralidade exposta na marca de diferença que existe entre os que enunciam as duas formas da mesma palavra. Tem prestígio social o que enuncia a forma “telhado”, em detrimento dos que usam “teiado”. É notório, entretanto, para efeito de análise do texto que a maneira como o texto apresenta a fala serve com pano de fundo para o importante que é a função indispensável que os iletrados exercem na sociedade.

Nesse sentido, o papel do professor não deve ser o de falar ao aluno sobre sua visão de mundo ou lhe impor uma visão, mas sim o de apre-

sentar as visões contidas no texto de forma imparcial. Assim, professor e aluno estarão sempre construindo o conhecimento e compreendendo melhor os fenômenos da linguagem e da língua, sua constituição sócio-histórica e relação com alfabetização e letramento.

Segundo Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9)

Nessa perspectiva, acreditamos um bom ensino da língua passa pelo entendimento da influência da oralidade sobre a escrita e vice-versa. O processo de aquisição da oralidade e de escrita deve ser respeitado e trabalhado inteligentemente, mostrando para o aluno que existem muitas possibilidades de estudo.

4. Consideração final

Decerto, oralidade e escrita apresentam características muito peculiares, porque surgem em tempos distintos da vida do homem, e, principalmente, por se efetivarem de modos diferentes, já que seus processos são diferentes.

As diferenças entre as linguagens oral e escrita existem de fato, porém é inegável também que há semelhanças entre elas, uma vez que se podem constar as influências de uma sobre a outra em diferentes estágios do desenvolvimento linguístico de seus usuários.

Logo, este trabalho teve como objetivo evidenciar a influência da linguagem oral sobre a linguagem escrita. Para isso, apresentamos conceitos e fizemos uma pequena análise do texto Vício da língua.

Diante disso, cabe ao professor atentar-se e realizar atividades em que o aluno perceba que existem textos que são tipicamente escritos, outros que são tipicamente falados e mais outros que se configuram por meio da utilização de características e da influência mútua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ANDRAD, Oswald de. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 1971.

BECHARA, Evanildo. A Correção idiomática e o conceito de exemplaridade. In: José C. Azeredo (Org.). *Língua em debate: conhecimento e ensino*, Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 11-8.

BOTELHO, José Mário. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Judiai-SP: Paco, 2012.

_____. A natureza das modalidades oral e escrita. In: *Filologia, Linguística e Ensino*. Tomo 2, V. IX, n. 3. CiFEFiL: Rio de Janeiro, 2005. p. 30-42

_____. Entre a oralidade e a escrita: um contínuo tipológico. In: *Produção e Edição de Textos*. V. VIII, n. 7. CiFEFiL: Rio de Janeiro, 2004. p. 57-69

_____. O isomorfismo entre as modalidades da língua. In: *Discurso e Língua Falada*. CiFEFiL: Rio de Janeiro, 2003. p. 157-77

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.

BROWN, Gillian. Teaching the spoken language. In: Association Internationale de Linguistic Appliquée. Brussel, Proceedings II: Lecture, 1981, p. 166-82.

CÂMARA Jr., J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo, Scipione, 1997.

CASTILHO, Ataliba de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KOCK, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. 5. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita*. Trad. de Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papirus, 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental / MEC, 1998.

TERZI, S. B. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.